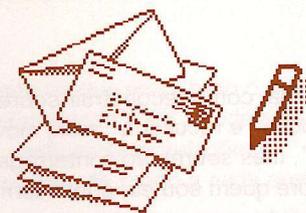


Pontos de vista, reacções, ideias...



Situações reais

Gostei do artigo do Luís Carmelo no nº39 da revista que falava das situações concretas que temos de arranjar para motivar os alunos. A verdade é que o exemplo das sapatilhas não é uma situação real. Assim como também este outro: "O Sr. Almisco" põe uma escada de 5 metros encostada ao muro da sua casa. A que distância deste se encontra o extremo inferior da escada se o superior estiver a 3,5 metros do chão? Ora, por que diabo quer o Sr. Almisco saber isto? Só porque se fala em muro e em escada?

De facto, tal como o Luís Carmelo, também eu tenho uma certa dificuldade em arranjar problemas com situações reais. De qualquer maneira, quando ensinamos sistemas de equações, é mais interessante usar o excelente problema dos preços do telefone ou então este: "O casal Vileira pretende ir às ilhas Canárias este Verão e o preço da agência para um certo hotel é de 292 contos por 14 noites e de 174,2 contos por 7 noites (viagem incluída). Quanto custa a passagem de avião?"

Entretanto, consegui arranjar um outro, que dei aos meus alunos do 11º ano, e que tinha a ver com o sinal de trânsito da figura (que apareceu numa estrada recentemente inaugurada no Funchal).

Primeiro, pedia que calculassem o ângulo que a estrada fazia com a



horizontal e depois propus a seguinte questão: "Numa rua do Funchal, a Câmara Municipal pretende colocar um sinal idêntico. Funcionários da Câmara fizeram umas medidas e chegaram aos seguintes dados comprimento da rua = 76 m, altura do princípio da rua (em relação ao nível do mar) = 35 m, altura do fim da rua (em relação ao nível do mar) = 52 m. Ajuda os funcionários da Câmara a encontrar o valor a colocar no sinal."

Roberto Oliveira

E. S. Dr. Ângelo A. Silva, Funchal



Sobre os resultados do 2º IAEP

Lendo — os artigos de opinião que vão saindo nos jornais e os materiais que carreamos dos encontros, seminários, etc — e reflectindo.

Hoje trago-vos aqui a sugestão de olhar de perto, no que à nossa disciplina diz respeito, a pretendida falta de conhecimentos mínimos... ("No meu tempo é que era! Eles agora?! Nem a tabuada sabem!")

Os sectores de opinião que reclamam pelo *back to basics* parecem sentir-se favoravelmente sufragados quando aparecem resultados de estudos como o "2º IAEP" que são resumidos em cabeçalhos de jornais assim do género: "O desempenho médio dos jovens portugueses de 9 anos foi o mais baixo entre os 14 países", ou, "O desempenho médio dos jovens portugueses de 13 anos foi de 48%, para uma média internacional de 58%".

Os defensores do *back to basics* dizem mais ou menos assim: "É uma indecência! Põe-se com *modernices* e depois eles nem a tabuada sabem,

nem fazer uma conta de dividir!"

Talvez fosse útil — e não muito difícil — entrar no debate, mostrando que há precipitação em concluir uma coisa da outra. Na verdade, quando se examina em pormenor o tipo de respostas onde as nossas crianças respondem *mais alto* que a (sua) média ou do que a média internacional, encontramos itens como¹:

(9 anos)

- Multiplicar um número de um dígito por outro número de um dígito
 - Subtrair, com reagrupamento, números de três dígitos
- Resolver problemas de duas etapas usando a multiplicação

(13 anos)

- Identificar um número inteiro dadas algumas das suas propriedades
- Reinterpretar a multiplicação por um decimal como uma divisão

Temos assim bem classificadas algumas das competências básicas...

(...)

Afinal as competências (ou a falta de competências) dos jovens estudantes portugueses podem não estar onde certas vozes dizem que estão! A ser assim, as conclusões (mesmo se não famosas, claro) não confirmam certos pessimismos. O que se poderá concluir disto? Qualquer coisa do género: não é na tabuada ou na conta de dividir...!

¹ Extraídos do artigo "Participação dos estudantes portugueses de 9 e 13 anos no *Second International Assessment of Educational Progress — Matemática*" de Glória Ramalho, publicado em 1995 na revista *Quadrante*, vol. 4, nº 1, pp.43-65. Este artigo adianta uma primeira análise e é o mais detalhado que conheço. Nele, a própria autora adianta a sugestão de continuação de investigação que eu desconheço.

José Carlos Frias
E.S. de Telheiras, Lisboa